

NOVO GOVERNO

Em discurso no qual destacou ter enfrentado uma máquina que agiu para desestabilizar as instituições da República e solapar o Estado de Direito, presidente eleito destaca o compromisso com a reconstrução das premissas que debelarão tentações autoritárias

Lula: diplomação é a vitória da democracia

▶ LUIZ PATRIOLINO
▶ INGRID SOARES
▶ TÁISA MEDEIROS

O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva e o vice-presidente Geraldo Alckmin foram diplomados, ontem, no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que encerra oficialmente o pleito de outubro. No discurso, o petista salientou que a cerimônia marcava a "celebração da democracia" e que corava o fim de um processo de desgaste das instituições e de ataques ao Estado Democrático de Direito.

A diplomação foi marcada por diversas simbologias. Ao entrar no Plenário do TSE, apoiadores e aliados de Lula o receberam com aplausos e gritos de "Boa tarde, presidente Lula" — uma alusão ao cumprimento que faziam, em Curitiba, na vigília em frente à sede da Polícia Federal (PF), quando o presidente eleito se encontrava preso. A plateia também entoou o tradicional "Oê-Oê-Oê-Oê-Lula" quando o petista se emocionou, como há 20 anos, ao lembrar que estava sendo diplomado presidente da República pela terceira vez, apesar de seus adversários dizerem que ele nem sequer tem formação universitária.

"Esse diploma que recebi não é um diploma de Lula presidente. É um diploma de uma parcela significativa do povo que reconquistou o direito de viver em democracia neste país. Vocês ganharam esse diploma", destacou. E acrescentou: "Sei o quanto custou, não apenas a mim, o quanto custou ao povo brasileiro essa espera para que a gente pudesse reconquistar a democracia nesse país", disse.

Apesar do ambiente de emoção, o discurso de Lula foi duro contra os apoiadores de Jair Bolsonaro (PL) que tentam desestabilizar o

ambiente da transição e também contra a campanha de desgaste sofrida pelo Poder Judiciário, promovida pelo presidente da República. Segundo o petista, "poucas vezes na nossa história a vontade popular foi tão colocada à prova, e teve que vencer tantos obstáculos para enfim ser ouvida".

"Além da sabedoria do povo brasileiro, que escolheu o amor em vez do ódio, a verdade em vez da mentira e a democracia em vez do arbítrio, quero destacar a coragem do Supremo Tribunal Federal e do Tribunal Superior Eleitoral, que enfrentaram toda sorte de ofensas, ameaças e agressões para fazer valer a soberania do voto popular", observou.

Lula destacou no discurso que enfrentou, na corrida eleitoral, "um projeto de destruição do país ancorado no poder econômico e numa indústria de mentiras e calúnias jamais vista ao longo de nossa história".

O presidente eleito salientou que "a máquina de ataques à democracia não tem pátria nem fronteiras" e que observou que "só tem sentido, e será defendida pelo povo, na medida em que promover, de fato, a igualdade de direitos e oportunidades para todos e todas". Lula se comprometeu, ainda, a "construir um verdadeiro Estado Democrático, garantir a normalidade institucional e lutar contra todas as formas de injustiça".

Mesmo com a presença de altas autoridades do Judiciário e do Legislativo, ministros e ministérios do futuro governo, além de apoiadores de dentro e de fora do Congresso, chamou a atenção um grupo de funcionários do TSE que atam na limpeza e no restaurante reunido ao lado dos jornalistas e ouvindo atentamente o discurso de Lula. Todas aplaudiram efusivamente e emocionadamente as palavras do presidente eleito.

Alcindo Zambarda/Secom/TSE



Moras, Lula e o diploma presidencial. Ambos fizeram contundentes discursos em defesa da democracia

Foto: Marcelo Ferreira/CE/DA Press



Como em 2002, Lula se emociona ao lembrar que é diplomado presidente pela 3ª vez sem que tenha curso superior

Antônio Augusto/Secom/TSE



Magistrados e ministros aposentados do STF na diplomação de Lula. Indicados por Bolsonaro não compareceram

Petista lembra campanha de mentiras que sofreu

O discurso do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi crítico ao governo do presidente Jair Bolsonaro (PL). De acordo com o petista, ele enfrentou, na campanha eleitoral, uma máquina de desinformação, mentiras e de ataque às instituições, que tentou desqualificá-lo e emparar o Poder Judiciário.

"Cumprimento cada ministro e cada ministra do STF e do TSE pela firmeza na defesa da democracia e da lisura do processo eleitoral nesses tempos tão difíceis", observou.

Segundo Lula, o pleito presidencial não foi oportunidade de haver um confronto "entre candidatos de partidos políticos com programas distintos. Foi a disputa entre duas visões de mundo e de governo. De outro lado, um projeto de destruição do país ancorado no poder econômico e numa indústria de mentiras e calúnias jamais vista ao longo de nossa história".

Lula lembrou dos questionamentos à legitimidade das urnas, feitos por Bolsonaro e seus apoiadores nas redes sociais. "Os inimigos da democracia lançaram dúvidas sobre as urnas eletrônicas, cuja confiabilidade é reconhecida em todo o mundo", afirmou. E acrescentou:

"Criaram obstáculos de última hora para que eleitores fossem impedidos de chegar a seus locais de votação. Tentaram comprar o voto dos eleitores, com falsas promessas e dinheiro farto, desviado do orçamento público", destacou.

O presidente eleito citou os casos de assédio eleitoral, cujos vídeos circularam nas redes sociais, nos quais empresários ameaçaram funcionários de demissão caso não votassem em Bolsonaro. "Intimidaram os mais vulneráveis com ameaças de suspensão de benefícios, e os trabalhadores com o risco de demissão sumária, caso contrariassem os interesses de seus empregadores", disse.

O petista frisou que "eles semearam a mentira e o ódio, e o país colheu uma violência política que só se viu nas páginas mais tristes da nossa história. E no entanto, a democracia venceu". E lembrou o leque de partidos que o apoiou nas eleições.

"Uma verdadeira frente ampla contra o autoritarismo, que hoje, na transição de governo, se amplia para outras legendas, e fortalece o protagonismo de trabalhadores, empresários, artistas, intelectuais, cientistas e lideranças dos mais diversos e combativos movimentos populares deste país", salientou. (LP e TM)

“A cerimônia de diplomação de um presidente eleito, esta é a celebração da democracia. Poucas vezes na história recente deste país a democracia esteve tão ameaçada”

“Quero destacar a coragem do Supremo Tribunal Federal e do Tribunal Superior Eleitoral, que enfrentaram toda sorte de ofensas, ameaças e agressões para fazer valer a soberania do voto popular”

“Os inimigos da democracia lançaram dúvidas sobre as urnas eletrônicas, cuja confiabilidade é reconhecida em todo o mundo”

“Eles semearam a mentira e o ódio, e o país colheu uma violência política que só se viu nas páginas mais tristes da nossa história”

Trechos do discurso de diplomação de Lula

Kássio, Mendonça e Fux não comparecem

Na diplomação do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT), chamou a atenção a ausência de qualquer representante de Jair Bolsonaro. Responsável pela transição entre os dois governos, o ministro da Casa Civil Cláudio Mota não compareceu ao evento. Também não compareceu o ministro da Seleção Brasileira, Fábio Kuster. Próximo da petista lamentaram que a insitucionalidade tenha sido abandonada pela gestão

do atual presidente da República. Da mesma forma, chamou a atenção a ausência dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) Kássio Nunes Marques e André Mendonça na cerimônia de diplomação de Lula e do vice-presidente eleito Geraldo Alckmin (PSB). Procurada pelo Correio, a assessoria de imprensa da Corte disse que Mendonça não compareceu porque ficou trabalhando no gabinete.

Nunes Marques não se manifestou sobre a ausência no evento. Outro que não compareceu foi o ministro Luiz Fux, que estava em um voo do Rio de Janeiro para Brasília. Ele tinha confirmado presença na posse da nova gestão da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB). Estiveram presentes no evento representantes do legislativo, deputados, senadores, aliados de Lula e ministros dos tribunais

superiores. A ministra Rosa Weber, presidente do STF, compareceu à diplomação, assim como Gilmar Mendes, Dias Toffoli, Luís Roberto Barroso e Edson Fachin — os dois últimos presidiram o TSE ao longo deste ano antes de Alexandre de Moraes. Depois da cerimônia de diplomação, Lula participou de uma confraternização na casa do advogado Antônio Carlos de Almeida Castro, em Brasília. (LP e TM)

TENSÃO EM BRASÍLIA

Em protesto contra a prisão de ativista acusado de promover atos antidemocráticos, manifestantes ateam fogo em ônibus, carros e tentam invadir o prédio da Polícia Federal. Autoridades prometem punir responsáveis pelas cenas de vandalismo

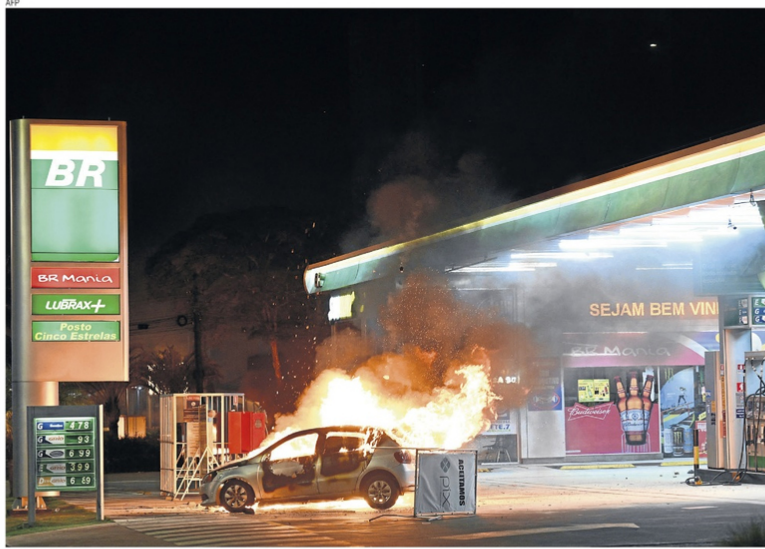
Extremistas fazem baderna na capital

Em questão de horas, a capital do país passou por duas situações extremas. No início da tarde, o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva foi oficialmente reconhecido pela Justiça Eleitoral como o vencedor das eleições gerais definidas em 30 de outubro. Durante a solenidade, tanto o presidente Lula quanto o presidente do Tribunal Superior Eleitoral, ministro Alexandre de Moraes, exaltaram a força da democracia brasileira. No início da noite, porém, a civilidade deu lugar à baderna.

Por volta das 20h30, o centro da capital se tornou alvo de atos terroristas. Em protesto contra a prisão de um ativista acusado de promover atos antidemocráticos, extremistas tentaram invadir a sede da Polícia Federal na área central de Brasília. Fizeram mais: atearam fogo em ônibus e carros que estavam na região. Em um dos locais, um carro foi incendiado ao lado de um posto de gasolina, em altíssimo risco de uma explosão.

Até o fechamento desta edição, não havia informações precisas sobre o número de presos, ou os danos causados pelos vandalismos. Segundo informações das autoridades de segurança, a arruação começou após a prisão do cacique José Acácio Serere Xavante. Ele se tornou conhecido por liderar indígenas bolivianos em atos em espaços públicos como o Park Shopping. Serere foi preso ontem, por determinação do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes. A prisão foi pedida pela Procuradoria-Geral da República (PGR), que entendeu que a detenção do indígena é uma forma de garantir a ordem pública.

Segundo o entendimento da PGR, o cacique se utiliza da posição de líder indígena do Povo Xavante para levar os seguidores a ameaçar o presidente eleito Lula, além dos ministros do Supremo Tribunal Federal Alexandre de Moraes e Luís Roberto Barroso. "A manifestação, em tese, criminosa e antidemocrática,



Carro em chamas na entrada de posto de gasolina na região central de Brasília: atos de vandalismo começaram após prisão de indígena

revestiu-se do claro intuito de instigar a população a tentar, com emprego de violência ou grave ameaça, abolir o Estado Democrático de Direito, impedindo a posse do presidente e do vice-presidente da República eleitos", alegou a PGR no documento de petição.

No despacho que determinou a prisão de Serere Xavante, o ministro Alexandre de Moraes foi categorico: "A restrição da liberdade do investigado, com a decretação da prisão temporária, é a única medida capaz de garantir a higidez da investigação", escreveu.

Ao cumprir o mandado de prisão expedido pelo presidente do TSE, a Polícia Federal provocou

a fúria de manifestantes. Muitos deles vestidos com o uniforme da Seleção e cobertos com a bandeira nacional, os extremistas tentaram invadir a sede da PF; no início da Asa Norte. Também destruíram carros e ônibus localizados na região central de Brasília.

Para conter os atos violentos, soldados do batalhão de choque da Polícia Militar do Distrito Federal usaram bombas de lacrimogênio. Em determinado momento, as forças de segurança foram acionadas para impedir o avanço dos extremistas em direção ao hotel onde estão hospedados o presidente e o vice-presidente eleitos, nas proximidades dos confrontos.

A segurança ao redor do hotel onde estão Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Geraldo Alckmin (PSB) foi reforçada para evitar ataques de manifestantes bolsonaristas. A equipe do petista cogitou retirar Lula e Alckmin do local de helicóptero, mas desistiu. Em determinado momento, o senador Raulo Rodrigues (Rede-AP) deu um relato da situação. "Atualizando as informações: o perímetro onde está o Presidente Lula e o vice-presidente Alckmin já foi isolado e está sob proteção da PM e da PF. Neste momento não há risco à integridade física do Presidente, do Vice e da delegação. Reforço: ninguém sairá impune!", escreveu em uma rede social.

8 VEÍCULOS

Número de veículos destruídos nos protestos, incluindo dois ônibus, segundo levantamento parcial divulgado pelo Corpo de Bombeiros do DF. Não há informações sobre vítimas.



Absurdos os atos de vandalismo registrados nesta noite, em Brasília, feitos por uma minoria raivosa. A depredação de bens públicos e privados, assim como o bloqueio de vias, só servem para acirrar o cenário de intolerância que impregnou parte da campanha eleitoral que se encerrou"

Rodrigo Pacheco (PSD-MG), presidente do Senado



Não é admissível que pequenos grupos de arruaceiros promovam o caos na capital do país. A identificação e punição dos culpados deve ocorrer rapidamente"

Rui Costa, futuro ministro da Casa Civil do governo Lula



Em nível ministerial, não houve nenhum contato entre o governo federal e nossa equipe"

Flávio Dino, futuro ministro da Justiça do governo Lula



A escalada da violência no país, e especialmente contra policiais federais no exercício de suas funções legalmente previstas, representa um atentado ao Estado de Direito e à democracia e deve ser combatida com rigor em nos limites da lei"

Federação Nacional dos Policiais Federais (Fenapef), em nota

Atos desafiam autoridades de segurança

Os atos praticados pelos extremistas puseram à prova a competência das forças de segurança no Distrito Federal. Nas últimas semanas, a secretaria de Segurança do DF anunciou que colocaria em prática um esquema para garantir a ordem na capital da República durante a diplomação, bem como a posse de Luiz Inácio Lula da Silva, marcada para 1º de janeiro. As cenas de ontem, com depredação de patrimônio público e privado, mostraram, no entanto, que a estratégia precisa ser revista.

Se a PMDF demorou cerca de duas horas para controlar o vandalismo extremista no centro de Brasília, mais moderada foi a reação do Ministério da Justiça, pasta que está subordinada a Polícia Federal. Segundo informou a CNN Brasil, o titular da pasta, Anderson Torres, jantava em um restaurante da cidade no momento em que bombas e explosões ocorriam nas proximidades do

prédio da PE Torres só foi se pronunciar por volta de 23h, em uma mensagem curta nas redes sociais. Disse que a pasta mantinha contato frequente com o Governo do Distrito Federal e decretou: "Tudo será apurado e esclarecido. Situação normalizando no momento".

Sucessor de Anderson Torres na Esplanada, o futuro ministro da Justiça foi mais veemente. "Inaceitáveis a depredação e a tentativa de invasão do prédio da Polícia Federal em Brasília", escreveu. "Ordens judiciais devem ser cumpridas pela Polícia Federal. Os que se considerarem prejudicados devem oferecer os recursos cabíveis, jamais praticar violência política", escreveu Flávio Dino.

Por volta de 23h40, autoridades de segurança concederam entrevista coletiva no Centro Cultural Banco do Brasil. Aos jornalistas, o ministro indicado Flávio Dino, o futuro diretor-geral da Polícia Federal e chefe da segurança de Lula,



Manifestantes ouvem relato de que Serere Xavante estava em boas condições na carceragem da PF

Andrei Rodrigues, e o secretário de Segurança do DF, Júlio Danilo, ressaltaram o trabalho conjunto para garantir a segurança

do presidente eleito. E garantiram que as cenas de baderna e extremismo no centro da capital federal não ficarão impunes.

(Darcianne Diogo, Pedro Marra, Talita de Souza, Pedro Grigori, Ronayne Nunes, Luana Patriolino e Andrea Malcher)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política + Brasil **Página:** 2 + 5